



## Possibilidades de ensino do Basquetebol para alunos com deficiência visual

Silas Alberto Garcia<sup>1</sup>  
Weverton Ferreira Silva<sup>2</sup>  
Gabriel Carvalho Bungenstab<sup>3</sup>

**Resumo:** *O objetivo deste texto é apresentar uma proposta de unidade didática para o ensino do Basquetebol nas aulas de Educação Física escolar para alunos com deficiência visual. Para tal, o presente texto faz uma breve análise sobre o ensino do Basquetebol a partir de um modelo tradicional que tem como foco a aprendizagem técnica e um modelo global que privilegia, também, características táticas e cognitivas de quem joga. Metodologia: propomos a construção de uma unidade didática de 10 aulas para o ensino de fundamentos técnicos e de noções táticas do Basquetebol destinada para alunos da segunda fase do ensino fundamental em diante que tenham deficiência visual. Nesse ponto, a discussão sobre a proposta apresentada sugere que um olhar voltado para as novas possibilidades esportivas de inclusão na escola podem ampliar nossa visão, nos munindo de ferramentas para uma educação mais humana e crítica. Por fim, conclui-se que: 1) aprender Basquetebol na escola é um direito de todo aluno e é possível ensinar Basquetebol para alunos deficientes visuais e, 2) o modelo tradicional de ensino torna-se válido na medida em que possibilita uma maior experiência tátil desses alunos.*

**Palavras-chave:** *Educação Física. Basquetebol. Deficiência visual.*

### Basketball teaching possibilities for visually impaired students

**Abstract:** *The objective of this text is to present a didactic unit proposal for teaching basketball in school physical education classes for visually impaired students. This text makes a brief analysis of the teaching of basketball from a traditional model that focuses on technical learning and a global model that also privileges the tactical and cognitive characteristics of those who play. Methodology: we propose the construction of a didactic unit of 10 classes to teach the technical fundamentals and tactical notions of Basketball for students from the second phase of elementary school onwards who have visual impairment. At this point, the discussion on the proposed proposal suggests that looking at new sports possibilities for inclusion in school can broaden our vision, providing us with tools for a more humane*

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado no curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus ESEFFEGO. E-mail: silasgarcia11@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9798-8219>.

<sup>2</sup> Graduando licenciatura em Educação Física na Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus ESEFFEGO. E-mail: wevertonf17silva@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0661-8218>.

<sup>3</sup>Doutor em Sociologia. Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e professor permanente do Programa de Pós Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: gabriel.bungenstab@ueg.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3100-1538>.



*and critical education. Finally, it is concluded that: 1) learning basketball at school is a right of every student and it is possible to teach basketball to visually impaired students and, 2) the traditional teaching model becomes valid as it allows for a greater experience touch of these students.*

**Keywords:** *Physical Education. Basketball. Visual impairment.*

## **Posibilidades de enseñanza de baloncesto para estudiantes con discapacidad visual**

**Resumen:** *El propósito de este texto es presentar una propuesta de unidad didáctica para la enseñanza del baloncesto en las clases de educación física escolar para estudiantes con discapacidad visual. Para ello, este texto hace un breve análisis de la enseñanza del baloncesto a partir de un modelo tradicional que se centra en el aprendizaje técnico y un modelo global que también privilegia las características tácticas y cognitivas de quien juega. Metodología: proponemos la construcción de una unidad didáctica de 10 clases para enseñar los fundamentos técnicos y nociones tácticas del Baloncesto para alumnos de la segunda fase de la escuela primaria en adelante que tengan discapacidad visual. En este punto, la discusión sobre la propuesta propuesta sugiere que mirar las nuevas posibilidades deportivas de inclusión en la escuela puede ampliar nuestra visión, brindándonos herramientas para una educación más humana y crítica. Finalmente, se concluye que: 1) aprender baloncesto en la escuela es un derecho de todo alumno y es posible enseñar baloncesto a alumnos con discapacidad visual y, 2) el modelo de enseñanza tradicional se vuelve válido ya que permite una mayor experiencia táctil de estos estudiantes.*

**Palabras clave:** *Educación Física. Baloncesto. Discapacidad visual.*

### **1 Introdução**

O debate sobre a inclusão/exclusão social passou a receber maior visibilidade somente no final do século XX e início do século XXI. Foucault (2005), por exemplo, nos mostra que o processo de exclusão vivenciado por diversas pessoas no período da era clássica/moderna, pautava-se pela segregação da esfera social, com a reclusão forçada em internatos e estabelecimentos normatizadores.

No âmbito da educação, o processo de exclusão sempre esteve presente, sobretudo quando compreendemos que os discursos sobre a inclusão são recentes. É somente com a aprovação da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), da LDB 9394/96 e da Portaria n. 1.679, de 2 de dezembro de 1999 (BRASIL, 1999) que se começa a ter avanços para a educação



no que concerne ao processo de inclusão e acessibilidade. A partir desses marcos a educação inclusiva passa a ser mais valorizada e praticada na esfera escolar.

Nesse cenário, quando olhamos isoladamente para o caso da Educação Física no Brasil, percebemos que durante quase todo o seu percurso histórico ela esteve ligada ao processo de exclusão, haja vista que ela surge influenciada pelo movimento higienista como forma de realizar uma assepsia social, buscando excluir pessoas doentes e contaminadas. Após esse período entrou em cena a Educação Física militarista, cujo objetivo principal foi favorecer o processo de seleção natural e realizar uma regeneração da raça, excluindo os mais fracos e valorizando os mais fortes. Já a Educação Física “esportivista”, iniciada no período de ditadura militar no Brasil, almejou a construção de atletas de alto rendimento, privilegiando, assim, somente aqueles que apresentavam demasiada habilidade esportiva (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991).

Posto isso, percebemos que algumas das vertentes que se constituíram no processo histórico do desenvolvimento da Educação Física podem ter perpetuado e colaborado, em certa medida, com o processo de exclusão. No entanto, como nos enfatiza Costa e Sousa (2004), a partir do final da década de 1940 na Inglaterra, o esporte começa a ser utilizado como um meio para reabilitar pessoas feridas na Segunda Guerra Mundial. Logo em seguida, surge nos Estados Unidos uma corrente que utilizava o esporte com o propósito de promover a integração social. Esses casos ajudaram na propagação dos esportes voltados para pessoas que apresentavam alguma deficiência e, assim, diversos esportes foram adaptados para que essas pessoas pudessem participar. Vale ressaltar que esses esportes foram se expandindo de forma tão expressiva que acabaram resultando na criação das Paraolimpíadas.

Diante disso, a Educação Física passou a ser uma das áreas que mais contribuiu para o respeito e valorização e integração das pessoas que possuem qualquer tipo de deficiência (COSTA; SOUSA, 2004). A criação da Educação Física Adaptada (EFA), possibilitou que vários esportes fossem adaptados ou criados de acordo com a especificidade de diversas deficiências, como o Goalball, Futebol de cinco, Voleibol sentado, Basquete para cadeirantes e etc.

Apesar desses avanços, ainda há muito caminho a ser trilhado para que as pessoas com deficiência (PcD) sejam incluídas nos esportes. Tendo em vista que os esportes fazem parte dos



conteúdos da Educação Física escolar, torna-se necessário refletir se as aulas desta disciplina têm favorecido a participação dos alunos com deficiência. É a partir desta reflexão que o presente artigo objetiva apresentar uma proposta de unidade didática para o ensino do Basquetebol nas aulas de Educação Física escolar para alunos com deficiência visual. Segundo Alves e Duarte (2011):

Estudos recentes publicados no campo da educação física adaptada descrevem a inclusão do aluno com deficiência como uma experiência subjetiva associada com interpretações, sentimentos, crenças e percepções individuais (SPENCER-CAVALIERE; WATKINSON, 2010). Esta compreensão do tema vai ao encontro das ideias descritas por Stainback e Stainback (1999), onde a inclusão consiste na estruturação de um senso coeso de comunidade, aceitação das diferenças e resposta às necessidades individuais. Desta forma, a percepção de inclusão se configura como uma experiência subjetiva e individual, vinculada às experiências e vivências da pessoa com deficiência (STAINBACK; STAINBACK, 1999). Este tipo de compreensão do tema exige a sua investigação a partir da perspectiva da pessoa com deficiência [...] (ALVES; DUARTE, 2011, p. 118).

Mesmo tendo uma expressiva produção acadêmica no âmbito da Educação Física sobre esportes adaptados, não há muitas produções que se preocupam com propostas práticas de ensino inclusivo para alunos com deficiência (FALKENBACH; LOPES, 2010). Este quadro não muda quando buscamos analisar o que tem sido produzido sobre o ensino da Educação Física escolar para alunos cegos.

Para dar conta do empreendimento proposto este artigo será dividido em três partes. Na primeira delas, apresentamos brevemente o Basquetebol a partir de dois modelos de ensino dentro do ambiente escolar; na sequência, propomos a criação de uma unidade didática, tentando problematizar os limites e possibilidades da mesma e, por fim, as considerações finais.

## **2 Basquetebol na escola: como ensinar?**

O Basquete é um dos esportes mais praticados em todo o mundo. Portanto, possui vários fãs, adeptos e praticantes nos mais diversos países. No Brasil não é diferente, por aqui o Basquete é um dos esportes coletivos mais praticados entre todos, talvez perdendo apenas para o Futebol e o Voleibol. Porém, ainda não é um esporte totalmente disseminado pelo país, se



mostrando de difícil acesso em algumas regiões brasileiras (RODRIGUES, 2009).

A transformação histórica do Basquetebol também foi acompanhada de modificações referentes ao processo de ensino e aprendizagem deste esporte. Ao passo que o número de jogadores, regras e características técnicas do jogo foram se transformando, as maneiras de ensinar Basquetebol também se alteraram, seja no espaço formal, não-formal ou informal (DEMARTINI; LANG *apud* GALATTI *et al.*, 2008). Galatti *et al.* (2012) apontam que o esporte por muito tempo foi trabalhado, quase que exclusivamente, pelo método tradicional, ou seja, por meio do modelo analítico-sintético. Contudo, a partir das décadas de 1980 e 1990, isso começou a mudar com a ascensão do princípio de ensino global-funcional.

O método analítico-sintético é caracterizado por apresentar exercícios (às vezes jogos), voltados separadamente para a técnica, a tática e condições de jogo, ao final juntando-os em uma só síntese, na qual a aula seria dividida em “aquecimento, exercícios para a aprendizagem da técnica e jogo formal” (GALATTI *et al.* 2012, p. 88). Já o princípio global-funcional é um método que apresenta jogos menos complexos que o jogo real, com caráter lúdico, adequados à idade dos praticantes, envolvendo técnica, tática e as regras do jogo. Desse modo, no método analítico-sintético, os fundamentos do jogo (manuseio do corpo, manuseio da bola, passe, drible, arremesso e rebote) são aplicados de forma separada, fato que não cria no aluno a habilidade de solucionar problemas que aparecem durante o jogo; já o método global-funcional valoriza o jogo e o fator de imprevisibilidade presente no mesmo (GALATTI *et al.* 2012).

Scaglia (2017) diz que no método tradicional (analítico-sintético), baseado num pensamento tecnicista, “a preocupação principal está concentrada no desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas do jogo e dos movimentos, muitas vezes estereotipados” (SCAGLIA, 2017, p. 2). Dessa forma, os movimentos são aprendidos de forma fragmentada e por padrões que devem ser copiados exaustivamente até a obtenção do êxito (SCAGLIA, 2017). Isso faz com que ao invés de se desenvolver um atleta inteligente, seja criado um atleta sem consciência tática que apenas reproduz movimentos específicos.

Do outro lado está o ensino pelos jogos coletivos, onde o aluno aprende por meio das ações do próprio jogo (e não apenas movimentos pré-determinados), se relacionando com o ambiente em que se encontra, tomando decisões e alcançando a autonomia e a emancipação. Rodrigues (2009), tratando do Basquetebol dentro da escola, afirma a importância de se colocar



o jogo perante o aluno, pois o mesmo contribui positivamente na formação de um indivíduo autônomo e integral. Dentro do jogo, enquanto jogador, o aluno se esforçará ao máximo para que todas as suas ações sejam bem-sucedidas.

O aluno torna-se, portanto, o elemento central do processo de ensino-aprendizagem. O jogo é a ferramenta para levá-lo ao objetivo maior, nesse sentido, deve ser priorizado “quem joga e não apenas o jogo” (RODRIGUES, 2009, p. 46). Além de tudo o que foi colocado, cabe também à pedagogia do esporte, transmitir durante o seu processo, questões socioeducativas, como princípios éticos e morais.

Portanto, com o jogo “maleável” dessa maneira, podendo ter suas regras modificadas e com a diminuição da importância da vitória, é possível que sejam trabalhados, eficientemente, os princípios e valores necessários para uma formação humana completa, além de, claro, questões relacionadas à técnica, à tática e ao desenvolvimento motor.

No intuito de construir nossa unidade didática para ensino do Basquetebol, nos pautamos tanto pelos elementos analíticos-sintéticos como pelos elementos globais-funcionais. A ideia foi a de oferecer o máximo de possibilidades para que o aluno com deficiência visual possa vivenciar e apreender as noções táticas e técnicas do Basquetebol.

### **3 Construção da unidade didática para ensino do Basquetebol para alunos com deficiência visual**

A unidade didática foi construída tendo como referência um total de dez aulas que, juntas, oportunizam a compreensão do Basquetebol, a experiência e o aprendizado dos seus elementos técnicos e táticos. Cada aula tem a duração de mais ou menos uma hora. As atividades propostas foram pensadas para serem desenvolvidas com turmas da segunda fase do ensino fundamental em diante.

Ademais, iremos apresentar possíveis dificuldades e adaptações que podem aparecer na execução das aulas. As atividades foram pensadas a partir do propósito de possibilitar para alunos cegos uma experiência e um aprendizado basilar do Basquetebol nas noções técnicas e táticas. Segundo Melo (2004) a Educação Física adaptada aos alunos com deficiência visual não pode ser igual àquela desenvolvida em classes regulares, contudo, a partir da adaptação é



possível descobrir novas potencialidades e fomentar a ampliação do leque corporal dos alunos que possuem a referida deficiência. Assim, busca-se aqui propor atividades que possam ser desenvolvidas com turmas que possuem algum aluno com deficiência visual, pois objetiva-se mostrar que é possível incluí-los nas aulas de Basquetebol da Educação Física escolar.

**Quadro 1- Unidade didática para o ensino do Basquetebol para alunos com deficiência visual**

Número de aulas	Temas	Subtemas	Atividades propostas/sugeridas
Aulas 1 e 2	1. Compreendendo o Basquetebol	<ul style="list-style-type: none"> <li>- História</li> <li>- Espaço para a prática</li> <li>- Dinâmica/regras</li> <li>- Relação corpo/bola</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aula teórica sobre a história e as regras do Basquetebol</li> <li>- Pique-pega sobre as linhas da quadra de Basquetebol</li> <li>- Vivência da relação corpo/bola</li> </ul>
Aulas 3 e 4	2. Elementos técnicos e táticos básicos do Basquetebol	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tipos de passes.</li> <li>- Passes em situação de jogo</li> <li>- Tipos de dribles.</li> <li>- Dribles em situação de jogo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades analítico-sintética dos tipos de passes</li> <li>- Atividades global-funcional dos passes</li> <li>- Controle de drible alto e drible baixo</li> <li>- Atividades analítico-sintética das variações de dribles</li> <li>- Atividades global-funcional dos dribles</li> </ul>
Aulas 5 e 6	3. Elementos técnicos e táticos básicos do Basquetebol	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tipos de dribles.</li> <li>- Dribles em situação de jogo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Controle de drible alto e drible baixo</li> <li>- Atividades analítico-sintética das variações de dribles</li> <li>- Atividades global-funcional dos dribles</li> </ul>
Aulas 7 e 8	4. Elementos técnicos e táticos básicos do Basquetebol	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tipos de arremessos.</li> <li>- Fundamento do rebote.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Movimento técnico do arremesso</li> <li>- Arremessar com as duas mãos da linha de lance livre</li> <li>- Arremessar com uma das mãos (arremesso <i>jump</i>) em diferentes distâncias da quadra</li> <li>- Arremessar em situação de jogo</li> <li>- Técnica do rebote</li> </ul>



Aulas 9 e 10	4. Elementos táticos do Basquetebol	<ul style="list-style-type: none"><li>- Tipos de defesa (zona)</li><li>- Situações de jogo adaptadas</li><li>- Jogo “formal” adaptado</li></ul>	- Vivenciar jogos reduzidos e o jogo formal de maneira adaptada.
--------------	-------------------------------------	---	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nas aulas 1 e 2 busca-se realizar, num primeiro momento, o ensino da história e das regras básicas do Basquetebol. Para tal, de maneira discursiva, objetiva-se dialogar sobre a história e as regras deste esporte. Para facilitar o entendimento e a compreensão de algumas regras, o aluno cego será convidado a vivenciá-las na prática. Por exemplo, ao explicar a regra das duas passadas e as dimensões da quadra, uma estratégia seria andar com o aluno sobre as linhas da quadra de Basquete na tentativa de que ele possa compreender suas funções e se situar no espaço.

No segundo momento, objetiva-se propiciar uma vivência na relação corpo/bola. Como atividade inicial será realizado o pique-pega sobre as linhas da quadra de Basquetebol. Nesta atividade, um dos alunos da turma será escolhido como pegador e os demais como pegos. Todos têm que correr somente nas linhas da quadra de Basquetebol fugindo do pegador (que também só pode correr sobre as demarcações da quadra). O propósito desta atividade é reforçar as demarcações da quadra de Basquetebol. No momento da atividade o professor deve acompanhar o estudante cego de mãos dadas, o orientando sobre sua localização, sobre as demarcações, sobre os colegas que estavam na sua frente ou atrás e sobre a localização do pegador. Para tornar essa atividade mais inclusiva, todos os alunos da turma podem ser divididos em duplas com um deles de olhos fechados e o outro como guia.

Para oportunizar a vivência corpo/bola serão realizadas um conjunto de atividades. Na primeira atividade, inicialmente o aluno terá que andar até a metade da quadra controlando a bola acima da cintura passando a mesma em volta do corpo utilizando as duas mãos, começando na altura da cintura até chegar na altura da cabeça.



**Figura 1 – Educativo de manejo de bola a partir da linha da cintura**

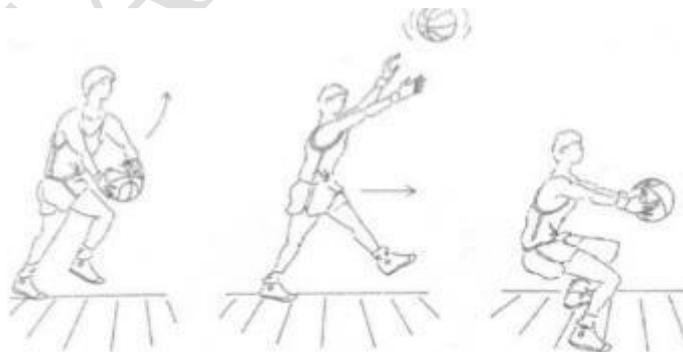


Fonte: Adaptado de Almeida (1998)

Em um segundo momento, os alunos terão que realizar a mesma atividade correndo. Nesta atividade o professor deve acompanhar o aluno cego para lhe avisar quando ele chegar na metade da quadra e também para pegar a bola caso ela escape do domínio dele.

Na segunda atividade o aluno terá que conduzir a bola quicando-a com as mãos (de acordo com repertório corporal dele) da linha de fundo da quadra até a linha central da quadra, ao chegar lá o aluno deve jogar a bola para o alto, bater o máximo de palmas possíveis e pegar a bola sem deixá-la cair no chão.

**Figura 2 – Educativo de manejo de bola com lançamento e empunhadura.**



Fonte: Adaptado de Almeida (1998)

Na atividade o aluno cego precisa ser acompanhado pelo professor (ou por um colega) para orientá-lo quando chegar na linha central e também para o caso dele perder o controle da bola. Esta atividade pode ser um pouco complexa caso não haja uma bola com guizo. Como



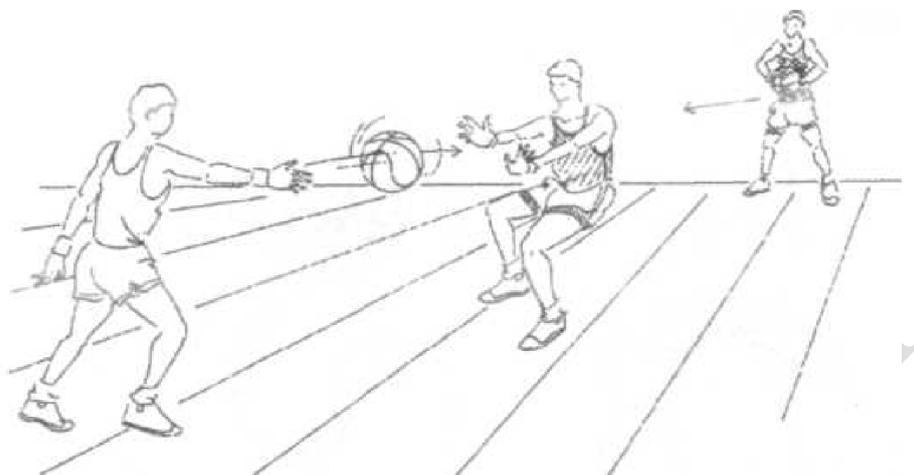
forma de criar uma adaptação para facilitar a percepção do quique da bola, pode-se colocar a bola dentro de uma sacola plástica com caroços de feijão. Inclusive, recomendamos que em todas as aulas as atividades sejam realizadas com a bola envolta por uma sacola para facilitar a percepção do aluno. A terceira atividade a ser realizada é a de conduzir a bola quicando da linha de fundo da quadra até a linha de fundo da quadra de vôlei. Ao chegar nesta o aluno terá que sentar (sem deixar de driblar a bola), se levantar e continuar driblando da maneira que achar mais adequado.

O propósito das aulas 3 e 4 é trabalhar tecnicamente os tipos de passes no Basquetebol, para isso serão realizadas inicialmente atividades analítico-sintéticas para o aprendizado da técnica e depois atividades globais que proporcionem uma vivência ao aluno cego dos passes em situações de jogo. Para início, deve-se realizar a atividade analítico-sintética dos passes de peito e picado.

Por conta da ausência do campo visual, o professor precisa inicialmente realizar o movimento de forma pausada e pedir para o aluno cego sentir a movimentação do passe. Depois, o professor deverá dar a bola para o aluno, orientando que no caso do passe de peito, por exemplo, a bola deve estar na altura do peito e que ele deverá realizar extensão horizontal dos braços à frente e que ao final da extensão ele terá que fazer um movimento brusco dos pulsos, impulsionando a bola à frente no sentido de cima para baixo e para os lados.

Essa atividade deverá ser realizada em trio (professor, aluno cego e outro aluno). Quando o aluno cego for realizar o passe, o seu colega (aluno 2) deverá bater palmas para que fique mais fácil identificar sua posição. Ao recepcionar o passe, o aluno 2 devolverá a bola através do passe picado, visto que assim ficará mais fácil para o aluno cego recepcionar (observando o modo de segurar a bola, inclinando o corpo para a frente e estendendo os braços em direção à bola com as mãos e dedos na posição de recepção) em virtude de escutar o quique da bola e identificar que a bola está próxima.

**Figura 3 – Passe de peito em trio**



Fonte: Adaptado de Almeida (1998)

Na sequência será ensinado o passe picado. O aluno cego deve ser orientado de que a execução técnica deste passe segue o mesmo padrão do passe de peito, só que agora a bola deverá tocar uma vez no solo antes de chegar ao companheiro, ou seja, o que muda principalmente é a trajetória da bola. Essa atividade também terá que ser em trio. O professor ficará orientando e ajudando o aluno cego, enquanto este e o seu colega trocarão passes.

A próxima atividade será uma atividade que proporcionará ao aluno uma vivência do passe próxima à realidade do jogo. Para isso, os alunos serão colocados em três colunas na linha de fundo da quadra, uma fileira ficará próxima da linha lateral direita, outra no centro da quadra e a outra próxima à linha lateral esquerda da quadra. A bola iniciará com o aluno que estará no centro. Os três alunos terão que trocar passes, sem realizar dribles até chegarem próximo da linha de 3 pontos do outro lado da quadra. Neste momento, a bola deverá ser passada para o aluno que estará próximo à linha lateral esquerda, então, este terá que arremessar a bola na cesta, podendo utilizar as duas passadas. Na volta, os alunos que estarão nas laterais deverão trocar passes sem driblar até chegarem ao outro lado da quadra e o aluno que estará no centro deverá tentar roubar a bola. O aluno cego deverá fazer a atividade com auxílio de um colega ou do professor. Os demais alunos deverão ser orientados que quando forem passar a bola ao aluno cego, deverão passar com passe picado, para que ele possa recepcionar. Na medida em que ele for passar a bola, os demais colegas deverão bater palmas para facilitar a percepção do posicionamento. Ao voltar, o aluno que estava na coluna central deverá ir para a coluna da



esquerda, o que estava na esquerda deverá ir para a direita, e o que estava na direita deverá ir para o centro e assim sucessivamente.

A última atividade para aprimorar o aprendizado do passe será um jogo coletivo. Os alunos serão separados por equipes de seis integrantes cada, a quantidade de equipes vai depender da quantidade de alunos que a turma possuir. Nesta atividade, os alunos terão que tentar trocar 10 passes dentro da sua equipe para realizar o arremesso (em qualquer tabela). A cada interceptação da equipe adversária a contagem dos passes será reiniciada. Para essa atividade, o aluno cego deverá estar acompanhado de algum colega para que este possa ajudá-lo a se movimentar na quadra, tanto para ações defensivas, quanto ofensivas. A bola de jogo deverá ter uma sacola amarrada para facilitar a audição do aluno cego, a bola poderá ser passada para o colega que o estiver guiando, ou diretamente para o aluno cego através de um passe picado. Quando este receber a bola, os alunos da sua equipe serão orientados a baterem palma para facilitar o passe e percepção da posição dos seus companheiros. Quando o aluno cego receber uma bola próximo à cesta, o professor ficará abaixo da cesta batendo um cabo de vassoura ou cabo de rodo no aro da cesta para facilitar a percepção da altura e do local onde a bola terá que ser arremessada. Entendemos que estas duas últimas atividades, de caráter global-funcional, trabalham com situações do jogo do Basquete nos modelos de 2x1, contra-ataques e táticas coletivas.

As atividades seguintes serão voltadas para o aprendizado dos tipos de dribles no Basquetebol (aulas 5 e 6). A primeira atividade será de controle de drible alto e drible baixo. Inicialmente os alunos terão que realizar o drible<sup>4</sup> tanto para frente quanto para trás utilizando as linhas de vôlei. O aluno começará andando e realizando o drible da linha de fundo da quadra de Basquete até a linha de fundo da quadra de vôlei. Ao chegar na linha de fundo da quadra de vôlei, os alunos terão que voltar driblando de costas até o meio da quadra. Feito isso, deverão driblar de frente novamente até a fila de origem. Depois os alunos terão que repetir a mesma atividade só que, agora, correndo. Nessa atividade, o professor acompanhará o aluno cego para avisá-lo quando ele chegar nas demarcações da quadra e também para devolver a bola para ele caso perca o controle da mesma.

---

<sup>4</sup> É importante descrever a mecânica do drible. Nesse sentido, os alunos devem estar de cabeça erguida, braços semiflexionados, dedos separados e com a bola sempre à frente e ao lado do corpo, tentando sempre driblar até a altura da cintura num movimento de cima para baixo.



Outra atividade para o aprimoramento e vivência do drible é a de driblar passando a bola de uma mão para a outra. Os alunos deverão sair da linha de fundo da quadra de Basquete e andarem até a linha central da quadra realizando o drible com a passagem de uma mão para outra e depois voltar. Nota-se que é possível que os alunos videntes iniciem a aprendizagem do drible olhando para o solo, ou seja, com a cabeça abaixada. Nesse sentido, vale a pena variar a atividade pedindo para que todos os alunos tentem driblar com os olhos fechados, sem campo de visão, tal qual já estará fazendo o aluno deficiente visual.

Para não delongar muito, não iremos aprofundar na explicação do ensino técnico das demais fintas de dribles, visto que o importante aqui é frisar que estes dribles devem ser ensinados de modo fragmentado para facilitar a execução e entendimento do aluno cego, logo, o fundamental é simplificar estes movimentos para que possam ser compreendidos e executados. O intuito não é o de criar uma fórmula adequada de ensino, mas sim de propor uma possibilidade primária, para que a partir disso cada professor possa adaptar, transformar e modificar as atividades aqui propostas de acordo com a demanda da sua realidade para aprimorar o aprendizado do aluno cego.

Na sequência, a ideia é realizar uma atividade global-funcional para uma vivência do drible mais perto da realidade do jogo. Serão formadas duas colunas na lateral do meio da quadra. O professor ficará no centro da quadra e jogará a bola para o alto, os primeiros de cada coluna deverão correr para tentar pegar a bola antes de seu colega. O aluno que pegar a bola primeiro deverá tentar driblar seu colega e marcar a cesta. No caso do aluno cego, inicialmente o professor dará a bola para ele atacar e na próxima vez ele ficará como defensor. Algum colega deverá acompanhar o aluno cego para orientá-lo sobre a localização da quadra. Quando este tiver atacando, o aluno que estiver na defesa deverá estar assobiando para que se possa identificar a sua posição e o professor ficará abaixo da cesta, quando o aluno cego se aproximar da linha de lance livre, o professor baterá com um cabo de rodo (ou vassoura) no aro para que o aluno consiga localizar onde está a cesta. A marcação não deverá tentar roubar a bola, apenas fará a “sombra” (acompanhar os movimentos de quem estiver atacando).

Nas aulas 7 e 8 o objetivo é o aprendizado dos fundamentos arremesso e rebote. Para iniciar, será desenvolvida uma atividade para o aprendizado técnico do arremesso. Segundo Fonseca e Moreira (2009, p. 74) a técnica do arremesso é representada da seguinte forma:



Pés paralelos (um deles ligeiramente à frente), afastamento natural das pernas, segurar a bola com uma mão atrás e embaixo da mesma, formar um ângulo de  $90^\circ$  entre braço e antebraço, cotovelo apontado para a cesta, mão de apoio do lado da bola, pernas semiflexionadas e, quase simultaneamente extensão das mesmas com o braço direito para frente e para cima, fazer com que a bola descreva uma curva parabólica, rotação contrária a sua direção (conseguida com a flexão de punho), ao final das ações descritas acima, o aluno poderá realizar um salto para arremessar.

Levando a mecânica do arremesso em consideração, será pedido para os alunos formarem duplas e sentarem um de frente para o outro a uma distância não muito longe. Neste momento, o objetivo é fazer com que os alunos desenvolvam a técnica apenas dos membros superiores. Na sequência, os alunos deverão levantar e arremessar para o colega da frente numa distância maior, utilizando, também, a mecânica dos membros inferiores. O colega que fará dupla com o aluno cego baterá palma acima de sua cabeça para possibilitar melhor orientação de espaço e posicionamento.

Feito isso, dar-se-á início a atividade de arremesso na linha de lance livre: os alunos serão divididos em dois grupos com a mesma quantidade de integrantes. Cada equipe deverá se posicionar em um dos lados da quadra atrás da linha de lance livre. Então serão dadas bolas para cada equipe e os alunos de um em um terão que arremessar da linha de lance livre. O aluno cego deverá ser acompanhado por um colega, para que este ajude-o a se posicionar em cima da linha de lance livre para realizar o arremesso. Toda vez que o aluno cego for arremessar, o professor (ou algum colega) deverá ficar embaixo da cesta batendo um cabo de rodo ou vassoura no aro. Uma possibilidade significativa é depois de um tempo, o professor pedir para que todos os alunos arremessem com os olhos fechados.

**Figura 4 – Experiência de arremesso às cegas em duplas**



Fonte: Site da Liga Nacional de Basquete (NBB). Disponível em: [www.lnb.com.br](http://www.lnb.com.br)

Na imagem acima (Figura 4) há o exemplo do arremesso em dupla na qual o aluno vidente tem a experiência de arremessar com venda nos olhos. Na Figura 4, o atleta Henrique Coelho, na condição de vidente, auxilia o colega de equipe *Dú Sommer* (que está vendado) orientando o mesmo para a realização do arremesso. Essa atividade pode ser feita da linha do lance livre. Vale destacar que a Liga Nacional de Basquete (NBB) realizou, durante o último campeonato, o desafio “basquete às cegas” entre as equipes participantes do torneio. Vencia a equipe que conseguisse acertar mais cestas de olhos vendados. Defendemos que tal desafio é importante para o fomento e incentivo da prática de basquetebol para alunos deficientes visuais.<sup>5</sup>

O objetivo da próxima atividade é explorar o arremesso em diferentes posições da quadra. Serão demarcados cones em cinco pontos de arremessos na quadra. Um ponto ficará na área de zona morta esquerda, outro na área de zona morta direita, outro no centro atrás da linha de 3 pontos, outro entre o centro e a zona morta esquerda e o outro entre o centro e a zona morta direita. Os alunos deverão ocupar estes pontos e arremessar tentando converter a cesta. Depois de alguns arremessos, o professor dará o comando para os alunos trocarem de ponto. A ideia é que todos os alunos passem por todos os pontos para terem a vivência de arremessar em diversos pontos da quadra. O aluno cego deverá ser acompanhado por um colega e quando for

<sup>5</sup> Para assistir os vídeos do desafio “basquete às cegas”, basta acessar o site da Liga Nacional de Basquetebol pelo link [www.lnb.com.br](http://www.lnb.com.br)



arremessar o professor terá que bater um cabo de rodo ou vassoura no aro para facilitar a percepção da localização da cesta.

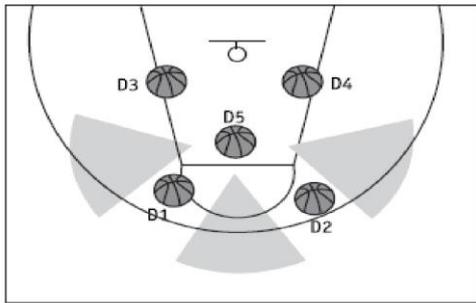
Atividade do rebote: Conforme Rodrigues (2009, p. 88) [...] “o rebote exige do jogador o acompanhamento visual da bola, noção de tempo e espaço, já que deve prever quando e onde a bola vai cair. Importante também proteger a bola quando recuperá-la”. Tendo isso por base, nota-se que este fundamento é bem complexo para ser ensinado a alunos com deficiência visual. Apesar disso, tentamos criar uma atividade que fosse mais fácil para o aluno cego. A atividade será em trio. Inicialmente dois alunos deverão ficar um de frente para o outro a uma distância curta e o aluno cego deverá ficar no meio dos dois de frente para o aluno que estará com a bola e de costas para o outro. O aluno que estiver com a bola deverá quicá-la continuamente e o aluno cego deverá ficar próximo à bola e realizar a proteção de forma que evite que o colega que está atrás dele toque na bola. Depois o aluno que estava atrás que irá fazer a proteção e o aluno cego tentará encostar na bola. O propósito desta atividade é trabalhar a proteção de bola e a percepção da localização da bola e do adversário.

Já nas aulas 9 e 10 o objetivo será trabalhar exclusivamente com situações de jogo. Serão desenvolvidas atividades para o aprendizado do sistema de defesa. O foco será na aprendizagem da defesa zona porque esse tipo de defesa possibilita a inclusão de alunos que tecnicamente ainda estão se apropriando do jogo. No caso do aluno cego, será mais fácil devido a ele ter que marcar uma zona e não um determinado jogador específico.

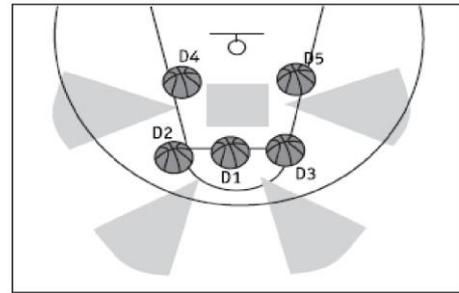
Na primeira atividade o professor deverá explicar o que é defesa por zona e explicar os sistemas de defesas por zonas, que são o 2x1x2, o 3x2, o 2x3 e o 1x3x1 (vide Figura 5). Quando o professor terminar de explicar um sistema, ele deverá pedir para cinco alunos se posicionarem na quadra de acordo com este sistema. Então o professor irá juntamente com aluno cego passar por cada aluno que está posicionado para que facilite a compreensão e percepção do posicionamento dos jogadores em cada sistema.

**Figura 5 – Representação dos sistemas de defesas 2x1x2, 3x2, 2x3, 1x3x1**

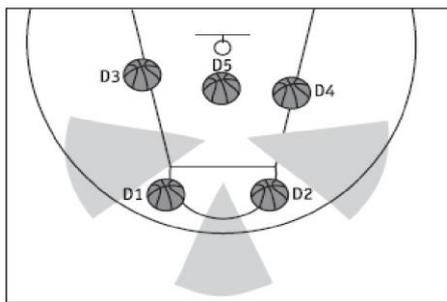
DEFESA POR ZONA 2-1-2



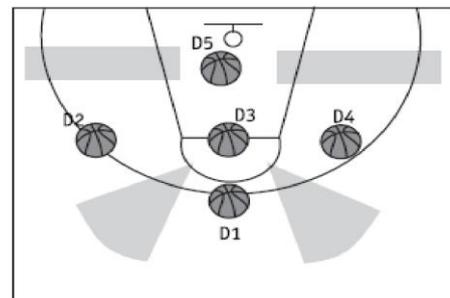
DEFESA POR ZONA 3-2



DEFESA POR ZONA 2-3



DEFESA POR ZONA 1-3-1



Fonte: Adaptado de Fonseca (2009, p. 102-105)

Após este momento, o professor formará equipes de 5 jogadores cada para que eles possam compreender os sistemas de defesa na realidade do jogo. Cada equipe jogará 5 minutos ou até que uma das equipes faça um ponto, ao findar dos 5 minutos, ou após a conversão da cesta, as duas equipes que estão em quadra deverão sair para as próximas equipes jogarem. Quando a equipe do aluno cego for jogar, o professor deverá acompanhá-lo colocando as mãos em seus ombros para orientá-lo sobre qual será sua posição dentro do sistema em que estão jogando, para informar sobre onde ele está, onde a bola está e o que ele deve fazer naquele momento.

A bola do jogo, como em todos os outros momentos, deverá estar envolta por uma sacola. Quando a equipe do aluno cego roubar a bola e for atacar os alunos deverão passar a bola para ele com um passe picado e deverão bater palmas para que ele consiga perceber onde seus companheiros estão para realizar o passe. Ao receber uma bola próxima à cesta, o aluno



cego terá a oportunidade de arremessar, os alunos não deverão tentar impedir e o professor deverá ir para debaixo da cesta bater um cabo de rodo ou vassoura no aro para que possa facilitar a percepção da localização da cesta.

Ademais, propomos que no ensino do Basquetebol para alunos deficientes visuais o professor leve em consideração a adaptação e construção dos seguintes materiais (vide quadro 2).

**Quadro 2 – Construção e adaptação de materiais para a aprendizagem do Basquetebol**

<b>Tipos de materiais</b>	<b>Finalidade</b>
Cabo de vassoura	Servir como sinalizador e localizador ao produzir som no contato com o aro.
Sacola plástica com caroços de feijão	Servir como guizo situando a bola em relação ao jogador.
Fitas adesivas de diferentes espessuras	Servir como referência para o aluno, ao pisar, compreender as linhas da quadra do Basquetebol.
Tecido (lona)	Ficar colocada na região do garrafão para o aluno sentir com os pés. O mesmo pode ser feito no círculo central.
Corde ou barbante	Marcar as linhas laterais e linhas de fundo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Vale ressaltar que, nos momentos de situação de jogo em que o aluno deficiente visual estiver jogando, o professor pode adequar as regras do esporte para facilitar a participação do mesmo. Assim, numa situação de jogo como a descrita acima, só poderá ser executado o passe picado e apenas os jogadores da equipe do aluno cego poderão usar a voz e as palmas como elemento de comunicação. Além disso, é importante também fazer com que a equipe adversária escolha um aluno para jogar com os olhos vendados.

Outro ponto importante, tratando-se principalmente do jogo em si, são as marcações da quadra. Uma sugestão é que o professor passe fitas de diferentes grossuras nas linhas da quadra para que o aluno, ao correr, consiga senti-las e perceber em qual espaço da quadra está. Outro exemplo, para o aluno saber se está ou não dentro do garrafão, o professor pode colocar uma lona (ou um tecido fino) nesta região e o aluno, ao pisar nela, se situará na quadra.



#### 4 Considerações finais

Acreditamos que é de suma importância, na execução desta unidade didática, o diálogo com o(s) aluno(s), sobretudo, refletindo diante das atividades propostas, suas principais dificuldades, o que facilitaria a execução das mesmas e o que poderia ser modificado. O objetivo dessas perguntas é identificar e refletir sobre as potencialidades e limitações das atividades, sempre buscando favorecer o aprendizado dos alunos com deficiência visual com o Basquetebol. Entendemos, todavia, que esta é uma proposta inicial que pode ser mais bem desenvolvida por outros pesquisadores e, até mesmo, por professores que atuem com alunos com este tipo de deficiência.

Sem dúvida, na esteira de Melo (2004), devemos reconhecer que a aprendizagem das mais diversas práticas esportivas é um direito de todo e qualquer aluno. Um professor que furta esse direito está podando e cerceando não apenas seus alunos, mas a si mesmo. Além disso, nos parece que para o ensino do Basquete com alunos deficientes visuais os modelos analítico-sintético e global-funcional são importantes. O primeiro porque possibilita ao deficiente visual a repetição da experiência tátil por meio do movimento técnico na relação corpo/bola e o segundo, pois valoriza quem joga e adequa o jogo aos limites e possibilidades do jogador. Nesse ponto, um olhar voltado para as novas possibilidades esportivas com deficientes visuais na escola pode ampliar nossa visão, nos munindo de ferramentas para uma educação mais humana e crítica.

#### Referências

ALMEIDA, Marcos Bezerra de. *Basquetebol iniciação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. Os caminhos percorridos pelo processo inclusivo de alunos com deficiência na escola: uma reflexão dos direitos construídos historicamente. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 24, n. 40, p. 207-218, maio/ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Portaria n. 1679, de 2 de dezembro de 1999*. Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições, 1999. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/c1\\_1679.pdf](http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/c1_1679.pdf)>. Acesso em: junho de 2020.



COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

FALKENBACH, Atos Prinz; LOPES, Elaine Regina. Professores de Educação Física diante da inclusão de alunos com deficiência visual. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FONSECA, Carlos Roberto de Souza; MOREIRA, Moacir Átila Pinto. *Basquetebol: Aspectos Pedagógicos e Técnicos*. Manaus: UEA Edições, 2009.

GALATTI, Larissa Rafaela; SERRANO, Pedro; SEOANE, Antonio Montero; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e Basquetebol: aspectos metodológicos para o desenvolvimento motor e técnico do atleta em formação. *Rev. Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.79-93, jul/dez. 2012.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física Progressista*. SP: EDIÇÕES LOYOLA, 1991.

BRASIL. *LDB – Leis de Diretrizes e Bases*. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf) > Acesso em novembro de 2020.

MELO, José Pereira. O ensino da educação física para Deficientes visuais. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 119, maio 2004.

UNESCO. Ministério da Educação e Ciência da Espanha. *Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área da necessidade educativas especiais*. Conferência Mundial sobre as necessidades educativas especiais: acesso e qualidade. Espanha: UNESCO, 1994.

RODRIGUES, Heitor de Andrade. *Basquetebol na escola: construção, avaliação e aplicabilidade de um livro didático*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2009.

SCAGLIA, Alcides José; *A pedagogia do esporte e as novas tendências metodológicas*. Jun. 2014. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/246/a-pedagogia-do-esporte-e-as-novas-tendencias-metodologicas>. Acesso em: 09 de nov. de 2020.

Data de submissão: 14/05/2021

Data de aceite: 20/06/2021

DOI: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.114004>